

O TRABALHO COM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Izabel Perdoni Soares ¹
Carmen Regina Gonçalves Ferreira ²

Resumo

O presente trabalho possuía o intuito de verificar como duas professoras alfabetizadoras desenvolveram o trabalho com a consciência fonológica no ensino remoto no município de Rio Grande-RS. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas, bem como a análise dos planejamentos referentes ao ano letivo de 2021. A fim de compreender como foi realizado esse trabalho, procurou-se analisar as metodologias e os recursos utilizados, a frequência com que a consciência fonológica aparecia em seus planejamentos e se teriam sido realizadas a partir de uma perspectiva lúdica. Os resultados evidenciaram duas realidades distintas entre as docentes ao trabalharem a consciência fonológica no ensino remoto. Enquanto uma das alfabetizadoras conseguiu planejar um trabalho coerente a respeito da temática com atividades lúdicas, a outra, embora tenha realizado algumas atividades, considerou que no ensino não presencial esse trabalho tornou-se extremamente difícil de ser contemplado. Essa diferença entre as práticas pedagógicas analisadas parece ser resultado da concepção que possuem sobre alfabetização. Quando se tem claro que esse processo implica o desenvolvimento de todas as facetas da alfabetização de forma integrada: faceta linguística, interativa e sociocultural, entende-se que mesmo em situações adversas como ensino remoto, há a possibilidade de se estabelecer um trabalho com a consciência fonológica de modo significativo com os alunos.

Palavras-chave: Alfabetização; Pandemia da COVID-19; Ensino Remoto; Consciência Fonológica.

Introdução

O contexto em que fomos submetidos de distanciamento social, devido à pandemia ocasionada pela Covid-19³ entre os anos de 2020 a 2022, implicou em diversas mudanças no cotidiano das pessoas, que até então, não se faziam presentes em nossas vidas. No âmbito da educação isso não foi diferente. Como forma de conter a disseminação do vírus, as aulas presenciais, na maioria das instituições de ensino foram suspensas e substituídas pela modalidade do ensino remoto emergencial (ERE), em que as atividades escolares

¹ Graduada em Pedagogia (FURG), mestranda em Educação PPGDU (FURG). E-mail: izaperdoni@gmail.com

² Doutora em Educação (UFPEl) e pós-doutoranda em Educação (FURG). E-mail: carmenreginaferreira@yahoo.com.br

³ Segundo o Ministério da Saúde (2020) o novo coronavírus é um vírus que causa infecções respiratórias, provoca a doença chamada COVID-19. O novo coronavírus (SARS-CoV-2) foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 após casos registrados na cidade de Wuhan, na China.

aconteceram de maneira *on-line* ou por meio da entrega de materiais impressos para os alunos.

Logo, este trabalho obteve como intuito, a realização de um estudo com uma abordagem qualitativa (FLICK *et. ali.*, 2000; GÜNTHER, 2006) a respeito da alfabetização no contexto pandêmico, com o objetivo de verificar como duas professoras alfabetizadoras do município de Rio Grande–RS, desenvolveram o trabalho com a consciência fonológica no ensino remoto. Para tanto, teve-se como objetivos específicos: i) verificar quais metodologias as alfabetizadoras utilizaram para trabalhar a consciência fonológica no ensino remoto; ii) mapear a frequência com que a consciência fonológica apareceu em seus planejamentos, bem como os recursos utilizados para realizar as atividades e iii) identificar se essas atividades foram realizadas a partir de uma perspectiva lúdica com as crianças.

Para o desenvolvimento da pesquisa realizaram-se entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2004), com duas professoras alfabetizadoras de duas escolas do município de Rio Grande – RS, bem como, uma análise documental (GODOY, 1995) de seus planejamentos referentes ao ano letivo de 2021. Após, os dados foram analisados conforme os pressupostos da Análise de Conteúdo (MORAES, 2004).

A escolha por investigar essa temática, justifica-se, primeiramente, pela minha inquietação enquanto graduanda em relação a alguns aspectos relacionados ao trabalho realizado na alfabetização, como o da consciência fonológica, por exemplo. Quando ingressei na graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, logo nos primeiros meses, me identifiquei com a modalidade de ensino da Educação Infantil e a Educação Especial, bem como pela possibilidade de articulação entre essas áreas no trabalho com crianças pequenas. No entanto, no decorrer do curso de Pedagogia, acabei me aproximando de espaços de estudo e discussão sobre a alfabetização, como o Laboratório de Alfabetização e Práticas de Incentivo à Leitura - LAPIL, o Subprograma de Alfabetização e Artes, do Projeto de Residência Pedagógica e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento – GEALI, todos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Somam-se a essas experiências significativas, as disciplinas de metodologia em alfabetização e o estágio não obrigatório que realizei no ciclo de alfabetização em uma escola

municipal da cidade de Rio Grande - RS. Todas as experiências que obtive e ainda venho adquirindo nesses contextos e, agora na pós-graduação, estão me fazendo obter uma melhor compreensão do papel da professora alfabetizadora. Esses momentos de convívio, interações e aprendizagens, fizeram com que eu ficasse completamente encantada e instigada em querer aprender mais sobre essa especificidade da docência. E, dentre tantos aspectos a ser estudado, o que mais despertou o meu interesse foi o trabalho com a consciência fonológica no processo de alfabetização.

Essa temática muitas vezes esteve presente nos relatos das docentes que compartilhavam comigo esses espaços formativos recém citados, em suas falas, era comum salientarem que o desenvolvimento da consciência fonológica era tido como um trabalho complexo, por exigir uma base teórica sobre a faceta linguística da alfabetização, que nem sempre faz parte do repertório das professoras alfabetizadoras⁴.

Além disso, outro fator importante que justifica a escolha por essa temática, é a escassez de estudos que abordem o trabalho da consciência fonológica no contexto do ensino remoto. Para tanto, procurou-se investigar como esse movimento considerado complexo no ensino presencial, estabeleceu-se no contexto do ensino remoto frente a desafios, como a falta de interações entre as professoras e os alunos, dificuldades de acesso às mídias digitais, e à *internet*, dentre outros, que muitas vezes impossibilitam as crianças de participarem das aulas síncronas.

Assim, como bases teóricas para o desenvolvimento deste estudo foram utilizados autores que discutem sobre alfabetização e a consciência fonológica: (GOLDSTEIN e NAGLIERI, 2011; SOARES, 2003, 2017, 2021; BARRERA, 2003; FREITAS, 2003; MORAIS 2020), e os que defendem que esse ensino parta de uma perspectiva lúdica, (KISHIMOTO, 2011; MORAIS, 2020; MENEZES, 2017, dentre outros). Referente ao ensino remoto utilizou-se autores que analisam os desafios vivenciados por alfabetizadores no contexto da pandemia (AMORIM, 2020; FERREIRA, 2020; FERREIRA; BARBOSA, 2020; GUIZZO, 2020; LIMA, 2020; LEMOS, 2021; MACEDO, 2020; PACHIEGA, 2020; SOUZA, 2020; SUNDE, 2020; TORRES, 2021).

⁴O termo será utilizado no feminino, visto ser uma profissão ocupada majoritariamente por mulheres.

O texto que está organizado nas seguintes seções: na primeira são apresentados a temática, os objetivos e a justificativa que motivaram a investigação. Na sequência, descrevem-se as ações metodológicas utilizadas. Na terceira seção, tecem-se algumas considerações teóricas a respeito da consciência fonológica, bem como as implicações em trabalhá-la durante o processo de alfabetização no contexto de ensino remoto. Em seguida, os dados são analisados à luz do referencial teórico, e por fim, inferem-se considerações finais a respeito do trabalho desenvolvido com a consciência fonológica na alfabetização, realizado por duas professoras alfabetizadoras e, as referências teórico-metodológicas utilizadas neste trabalho.

Metodologia

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa maior de conclusão de curso (TCC) do curso de Pedagogia-FURG realizada pelas autoras deste artigo no ano de 2021/2022. Assim, o trabalho parte de uma abordagem qualitativa (FLICK, 2004), com o intuito de identificar como o trabalho com a consciência fonológica foi realizado no ensino remoto, a partir da perspectiva de duas professoras alfabetizadoras, nomeadas neste estudo como P1 e P2, que atuavam, na época das coletas, no 1º ano do ciclo da alfabetização, e pertenciam a duas escolas municipais em Rio Grande – RS.

Como instrumento de coleta de dados realizou-se uma entrevista semiestruturada (DUARTE, 2004) com cada uma das docentes, de forma *on-line*, via plataforma *Meet*. Foram também analisados os planejamentos das docentes que consistiu, primeiramente, em aferir quais apresentavam o ensino da temática. A P1 disponibilizou 21 planejamentos e a P2, 31 documentos, que corresponderam ao período de maio a novembro do calendário letivo de 2021, que iniciou no mês de maio.

As entrevistas foram transcritas e analisadas juntamente com os planejamentos, conforme os pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo (MORAES, 1994), a fim de suscitar reflexões sobre a forma como foi trabalhada a consciência fonológica no contexto do ensino remoto, que será apresentado na seção seguinte.



A Consciência Fonológica na alfabetização durante o ensino remoto

O aprendizado da leitura e da escrita acontece a partir de dois processos distintos e indissociáveis que são a alfabetização e o letramento. Soares (2021) destaca que ambos os conceitos se distinguem pela faceta que elegem como objeto de aprendizagem: a faceta linguística corresponde à representação da cadeia sonora da fala, a faceta interativa corresponde à concepção de língua como veículo de interação entre as pessoas, de expressão e compreensão de mensagens; e a face sociocultural “os usos, funções e valores atribuídos a escrita em contextos socioculturais” (SOARES, 2021, p. 29). Segundo a autora, as duas últimas facetas correspondem ao letramento.

Assim, o trabalho que prioriza a faceta linguística toma como objeto de conhecimento a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita, o “que demanda processos cognitivos e linguísticos específicos e, portanto, o desenvolvimento de estratégias específicas de aprendizagem e, conseqüentemente, de ensino, a alfabetização” (SOARES, 2021, p. 29). Dessa forma, a faceta linguística tem como um dos objetivos o trabalho com a consciência fonológica que corresponde a um conjunto de habilidades, que vão desde a simples percepção global do tamanho da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras até a segmentação e manipulação de sílabas e fonemas, que pode ser trabalhada em três diferentes níveis: a consciência silábica, a intrassilábica e a fonêmica.

A consciência silábica aborda as habilidades de reconhecimento e manipulação de sílabas, a consciência intrassilábica corresponde ao trabalho com as rimas e aliterações e por fim, a consciência fonêmica restringe-se ao trabalho no nível dos fonemas (MORAIS, 2006). Atingir esse nível de habilidade de análise segmental é impreterível para a compreensão da escrita alfabética, “uma vez que a aprendizagem desta supõe o domínio de regras de associação entre grafemas e fonemas, sendo necessário, portanto, isolar estes últimos para poder representá-los através das letras” (BARRERA, 2003, p. 492).

Para efetivar o trabalho com o desenvolvimento dessas habilidades de reflexão e manipulação, é necessário que se elabore diferentes atividades sistemáticas que contemplem não apenas os registros escritos, mas também a brincadeira e os jogos de forma lúdica (MORAIS, 2020) a partir de momentos que despertem a curiosidade da criança pela língua



por meio de jogos ou de atividades, nas quais as crianças possam refletir, seja em grupo ou sozinhas, visto que “ficam mais motivadas durante o jogo e ficam também mais ativas mentalmente” (KISHIMOTO, 2011, p. 107).

Todo esse trabalho com a faceta linguística torna-se importante durante o processo de alfabetização. No entanto, com a aplicação do ER pouco se sabe como foram viabilizadas as atividades que assegurassem essa aprendizagem. Muitos estudos durante a pandemia focalizaram as dificuldades na implementação dessa modalidade evidenciando os dilemas de diferentes ordens, como as dificuldades de docentes e discentes de acesso à internet, manuseio das plataformas e mídias digitais, bem como, a ausência de interação “na sala de aula física que foi substituída pela interação por meio das tecnologias: gravar aulas, criar salas virtuais, passar tarefas e interagir com seus alunos em outro ambiente que não presencial tornou-se uma premissa para a realização do trabalho docente” (ALMEIDA; MENEZES, 2021, p. 9).

Os estudos referentes ao trabalho realizado na alfabetização centraram-se nas dificuldades de se trabalhar com a leitura e a escrita no ER de forma geral, como no estudo de Ferreira, Ferreira e Zen (2020) em que apontam que a maior dificuldade consistiu em conseguir avaliar o que as crianças sabiam ou não em relação à escrita. Apesar de citarem alguns aspectos relacionados à consciência fonológica não foi o foco do referido estudo. Desse modo, não foram encontrados artigos que tratassem exclusivamente a respeito da consciência fonológica durante a vigência do ER. Embora se tenha clareza que o trabalho com a consciência fonológica é apenas um, dentre tantos conhecimentos importantes da alfabetização, considera-se de extrema relevância verificar como esse trabalho foi realizado em uma modalidade de ensino não presencial frente a tantos desafios para se alfabetizar.

O ensino da consciência fonológica no ensino remoto sob a perspectiva de duas alfabetizadoras

Como forma de compreender de que maneira foi realizado o trabalho com a consciência fonológica, questionamos de que maneira as professoras alfabetizadoras apresentaram as atividades a esse respeito, para os alunos nos encontros síncronos (*on-line*), que ocorriam uma vez por semana com duração de uma hora. E também, quais eram os recursos e estratégias metodológicas utilizados para essa finalidade.

A esse respeito, a P1 respondeu que disponibilizou para seus alunos no começo do

primeiro trimestre, um material impresso para que pudessem retirar na escola junto com os livros didáticos e kits escolares (alfabeto móvel, jogos diversos, como o bingo de sílabas, bingo numeral, entre outros) que seriam utilizados nos encontros síncronos. A P2 relatou que inicialmente encaminhou sugestões de jogos e brincadeiras no grupo de *WhatsApp* deixando a cargo dos pais/responsáveis dos alunos. Citou como exemplo, o tapete alfabético, no qual as crianças tinham que procurar em casa, com o auxílio dos adultos, objetos que começassem com cada letra. Apesar do pouco de tempo nos encontros a docente disse que procurou em alguns momentos realizar a leitura de livros e músicas que trabalhassem o nome das letras e a escrita das palavras, como por exemplo, “o batalhão das letras” e “Forró do alfabeto”.

Ambas as alfabetizadoras, relatam que apresentavam as atividades de consciência fonológica através de fichas de leituras, vídeos e principalmente de maneira oral, fazendo dinâmicas com rimas a partir dos nomes dos alunos e da própria professora. Também ressaltaram que trabalhavam a partir de histórias e poemas. Nesse sentido, o trabalho descrito pelas docentes corrobora com o que Soares (2021) menciona sobre a importância de se trabalhar a consciência fonológica por meio de atividades de leitura de histórias, parlendas e de outros tantos gêneros textuais.

No entanto, observou-se que nos planejamentos analisados no período de aula remota em 2021, nem sempre era explorado o ensino da consciência fonológica a partir desses textos. Principalmente nos planejamentos da P2, que embora trouxesse histórias para trabalhar com os seus alunos, poucas eram as vezes em que as atividades de reflexão sobre a língua eram trabalhadas a partir dos textos, resumindo-se às atividades de interpretação textual.

Ao serem questionadas sobre a frequência com que trabalhavam com a consciência fonológica durante a semana em seus planejamentos, P1 expressou que trabalhava diariamente. Observou-se que a docente na maior parte dos documentos, contemplou o trabalho com a consciência fonológica por meio de diferentes atividades como: i) segmentação de palavras; ii) identificação de letra inicial de imagens; iii) escrita de letra inicial de cada imagem; iv) escritas com alfabeto móvel com apoio em imagens; v) identificação de sílabas iniciais e finais das palavras e formação de novas palavras; vi) desenho de objetos a partir das sílabas retiradas de textos como histórias e parlendas, dentre outras atividades, que assim como as citadas, foram retiradas de textos trabalhados. Tais propostas reforçam o que estudos como de Soares (2021) ressaltam sobre a “conceitualização da escrita” que precisam ser baseadas em atividades em que se priorizem palavras destacadas de “parlendas, cantigas, histórias, em atividades de leitura, escrita ou jogos lúdicos (lembre-se: o texto como centro, sempre)” (SOARES, 2021, p.79).

Na análise dos planejamentos de P2, observou-se a presença de atividades como: i) construção do tapete alfabético com objetos das casas dos alunos, a partir da leitura do livro “O batalhão das letras”; ii) identificação da letra inicial do nome; iii) criação de novas palavras a partir da letra inicial do nome, iv) identificação de letra inicial de palavras presentes em músicas cantadas; v) colocar a letra inicial da palavra de cada imagem. Como se observa as atividades privilegiaram o trabalho com a letra inicial.

Nos relatos de P2 a docente menciona que foi muito difícil desenvolver um trabalho com a consciência fonológica com encontros de apenas uma hora por semana com os alunos, sem poder estabelecer um contato mais próximo face a face com as crianças. A alfabetizadora relata que procurava realizar atividades com esse objetivo, mas ressaltou que foi um processo difícil de ser feito em função do tempo e que entende que isso pode ter gerado danos aos seus alunos. O que acabou se confirmando nas escassas atividades analisadas em seus planejamentos. No trecho a seguir a alfabetizadora frisa essa dificuldade: “eu trabalho a consciência fonológica nos encontros ali, em uma hora que é pouquíssimo tempo para quem está em casa. Pouquíssimo tempo” (P2).

Segundo P1 as propostas de trabalho com a consciência fonológica eram desenvolvidas através de atividades consideradas mais dinâmicas, partindo de brincadeiras e jogos que pudessem ser realizados de maneira oral e conjunta (professora e os alunos), como por exemplo, jogo do bingo de sílabas iniciais, brincadeiras de contar as sílabas com as palmas das mãos, reproduzir o alfabeto com o corpo, brincadeira de caçar objetos em casa a partir da letra inicial dos nomes das crianças. Atividades essas, que valorizam a oralidade, estimulam o movimento corporal das crianças, a diversão e as mantêm envolvidas em atividades que promovem a reflexão sobre a língua. A esse respeito, Morais (2020) menciona que “um ensino que promove a reflexão sobre semelhanças sonoras no nível das sílabas iniciais e das rimas tem se revelado bastante eficaz para ajudar as crianças a avançarem na sua compreensão do SEA” (MORAIS, 2020, p. 137).

Quando questionada sobre promoção de atividades lúdicas envolvendo a consciência fonológica, P2 mencionou que trabalhava com a leitura de livros de histórias e costumava brincar com as rimas de cantigas propondo algumas situações de jogos e brincadeiras. No entanto, em seus planejamentos se observou a reduzida presença dessas atividades lúdicas. A relevância do lúdico no ensino, é apontada por Kishimoto (2006, p. 9) ao mencionar que o “jogo com sua função lúdica de propiciar diversão, prazer e mesmo desprazer ao ser escolhido de forma voluntária e o jogo com sua função educativa, aquele que ensina, completando o saber, o conhecimento e a descoberta do mundo pela criança”. Nesse mesmo sentido, a autora

reitera que esse movimento de transição do lúdico e a escola implicam até na forma de se estabelecer a infância. E que essa maneira de relacionar o ensino lúdico com o que é didático, faz com que a criança consiga brincar e aprender ao mesmo tempo.

Desse modo, observamos que houve algumas aproximações e mais distanciamentos na forma como as docentes trabalharam a consciência fonológica no ER.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou desenvolver uma pesquisa qualitativa acerca do trabalho da consciência fonológica no contexto de ensino remoto emergencial a partir da perspectiva de duas professoras alfabetizadoras. Com isso, o trabalho evidenciou que, além das complexidades em trabalhar com essa temática em um sistema de ensino não presencial, a forma como a mesma foi tratada nas ações pedagógicas está intrinsecamente relacionada às concepções que as alfabetizadoras possuem sobre a alfabetização.

O relato das docentes e a análise dos seus planejamentos reforçam o que os estudos sobre o ensino remoto têm mostrado em relação aos desafios encontrados no período de implementação de um sistema de ensino não presencial, como as questões relacionadas às dificuldades de acesso à *internet* e aos meios tecnológicos (celulares, *tablets*, computadores, e outros) para a participação dos alunos nos encontros síncronos, constituindo-se muitas vezes nos principais obstáculos que as docentes encontraram nesse sistema de ensino. Junto a isso, também foram postos como impasses para a realização do ensino, especialmente no desenvolvimento do trabalho com a consciência fonológica, a falta de interação física com as crianças, sobretudo, na perspectiva da P2.

A partir disso, conseguiu-se observar duas realidades distintas entre as docentes. Embora a realidade do contexto de ensino remoto tenha sido implementada em todas as escolas nesse período, observou-se que cada docente obteve uma percepção distinta, e que as vivências desse momento não foram às mesmas obtidas e, nem tampouco, estabelecidas para todas as educadoras.

Contudo, a análise dos dados evidenciou que uma das alfabetizadoras conseguiu trabalhar de forma efetiva a consciência fonológica no contexto de ensino remoto. A

alfabetizadora denominada como P1, conseguiu contemplar o ensino da temática em quase todos os seus planejamentos, e muitas vezes partindo de atividades com uma perspectiva lúdica, apesar de todas as adversidades, o que corrobora com o que concebe como primordial no trabalho com a alfabetização, o trabalho com a sua faceta linguística.

Em contraposição, a educadora que foi denominada como P2, salientou que obteve mais dificuldade na realização do trabalho com a temática. E em seus planejamentos ficou explícito a falta da incorporação do desenvolvimento da consciência fonológica em muitos deles. Todavia, em alguns dos seus planejamentos, conseguiu-se constatar poucas atividades que abordassem a consciência fonológica, mas que eram realizadas, segundo o que os planejamentos apresentavam, de maneira lúdica, a partir de jogos, brincadeiras e algumas com músicas.

Em vista disto, reforçamos que o trabalho com a consciência fonológica refere-se a um dos componentes que integram a faceta linguística, problematizada ao longo deste trabalho. Também, constatamos que, mesmo sendo complexa a realização do trabalho com a consciência fonológica no contexto do ensino remoto, a abordagem da temática nos planejamentos e o desenvolvimento da mesma nas aulas síncronas com os alunos, podem realizar-se, de uma maneira fluida e eficaz. Com isso, inferimos que, com intencionalidade, frequência, metodologias e recursos adequados, o trabalho com a consciência fonológica pode ser realizado de modo significativo para os alunos, mesmo na modalidade de ensino remoto, embora se saiba que o lugar de excelência da alfabetização seja no contexto presencial da escola.

Acreditamos ser importante que novos estudos pesquisem sobre como outras alfabetizadoras, em outros âmbitos, trabalharam com a consciência fonológica em um contexto tão atípico como o do ensino remoto. Essas pesquisas serão importantes para futuros estudos, a fim de se continuar interpretando o momento inédito vivenciado pela alfabetização, que foi o contexto do ensino remoto, em que cada docente, a sua maneira, criou estratégias pedagógicas que fossem capazes de garantir a educação das crianças pequenas. Esse novo lugar que ocupou a docência no ensino remoto, ainda pode suscitar importantes reflexões sobre como as professoras alfabetizadoras vivenciaram na prática as suas concepções sobre alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elaine Vieira de; MENEZES, Elizete Nascimento de. **Alfabetização: possibilidades e limitações de práticas emergentes do ensino remoto Ensino em Perspectivas**. Fortaleza, v.2, n.3, p.1-11, 2021.

BARRERA, Sylvia Domingues. **Consciência metalinguística e alfabetização: um estudo com crianças da 1ª série do Ensino Fundamental. Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 16, n.3, p. 491-502, 2003.

DE FREITAS, Gabriela Castro Menezes: **Consciência fonológica: rimas e aliterações no português brasileiro**. Letras de Hoje, v.38, n.2, 2003. Acesso em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14096/9352>

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. - Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225. Editora UFPR, 2004.

FERREIRA, Lucimar Gracia; FERREIRA, GARCIA, Lúcia; ZEM, Giovana Cristina Fólio. **Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna-** Revista de Letras, Vitória da Conquista V.12, n.2 jul./dez.2020.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GODOY, Arlindo Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de administração de empresas, v. 35, n. 2,1995.

GOLDSTEIN, S.; NAGLIERI, J. A.: (eds). **EncyclopediaofChildBehaviorandDevelopment**. New York: Springer, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação/ Tizuko M. Kishimoto (Org.)- 14. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.**

MORAIS, Artur Gomes de: **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização/Artur Gomes de Moraes**. – 1. Ed.; 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. Revista Educação. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32. 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos/ Magda Soares**. - 1ª Ed. 5ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021